

A EDUCAÇÃO INCLUSIVA: A ATUAÇÃO DOS PROFESSORES EM RELAÇÃO AOS ALUNOS COM DEFICIÊNCIA

Autora: Dayana Tainá Alves da Silva, Co-autora: Erika Rodrigues de Freitas, Co-autora:
Wendy de Sousa Barbosa, Orientadora: Dr^a. Otília Maria A.N.A Dantas

Universidade de Brasília – UnB – annaalves1415@gmail.com, kikafr@gmail.com, wendysbarbosa@gmail.com,
otiliadantas@gmail.com

1. Introdução

O ensaio de natureza qualitativa arquitetou sua base epistemológica na pesquisa bibliográfica e de campo, tomando como âncora o seguinte questionamento: Qual o posicionamento do professor no ensino superior em relação aos alunos com deficiência? E como se dá o crescimento educacional na vida acadêmica destes estudantes na Faculdade de Educação da Universidade de Brasília?

Para atender ao problema em questão delineamos como objetivo deste estudo analisar a formação e a prática docente junto aos alunos com deficiência na Faculdade de Educação (FE) da Universidade de Brasília (UnB), bem como o crescimento e a vida acadêmica destes estudantes. Destarte, entende-se que a elaboração dessa pesquisa torna-se imprescindível para o contexto acadêmico dos professores, pois, almeja não só compreender esse papel, mas também delinear uma investigação mais precisa para sensibilizar os professores para uma nova mudança na prática docente em sala de aula.

Compreendemos que a deficiência não pode ser encarada como um “defeito” do sujeito; ela é uma condição que dá limitações, mas que não é um entrave na aprendizagem. Todos conseguem aprender e o professor será aquele que irá elaborar estratégias de acordo com o contexto individual de cada aluno com necessidades especiais.

2. A concepção de educação inclusiva: transformar para incluir

A educação ocorre em diversos contextos: na escola, na família, nas várias instituições sociais. Este fenômeno é acompanhado por um conjunto de fatores, como por exemplo, o ambiente onde ocorre a aprendizagem, os instrumentos utilizados na prática pedagógica, como a avaliação, a didática, bem como a relação com o estudante.

Neste sentido podemos falar de inclusão a luz de Castilho (2009) ao enfatizar que é preciso refletir sobre a necessidade de respeitar a igualdade e a diversidade entre os grupos, em uma perspectiva de inclusão. A educação inclusiva é acolhedora e respeita o estudante dentro das suas limitações, promovendo a aprendizagem de forma significativa.

É importante citar o conceito de educação inclusiva para melhor compreender esta pesquisa. A autora Mantoan (2003) discorre que a inclusão escolar é a mudança nos paradigmas da escola que possui um modelo formal; é a abertura para as diferenças culturais, sociais, étnicas, religiosas, de gênero, dentro de uma sociedade que possui suas diversidades. “A escola não pode continuar ignorando o que acontece ao seu redor, nem anulando e marginalizando as diferenças nos processos pelos quais formam e instrui os alunos” (p. 12). A inclusão é saber respeitar a heterogeneidade no ambiente escolar.

Essa diversidade ocorre principalmente em relação à Educação Especial. É sabido que o atendimento às pessoas com deficiência passou por diversas mudanças, indo do atendimento em centros educacionais específicos indo até a rede regular de ensino, necessitando que o professor adote um postura diferenciada com esses estudantes. Neste contexto, faz-se necessário investir na formação continuada para que haja uma nova práxis pedagógica no âmbito

educacional, adquirindo os conhecimentos e habilidades para a sua atividade didática.

Ensinar, na perspectiva inclusiva significa, ressignificar o papel do professor, da escola, da educação e de práticas pedagógicas que são usuais no contexto excludente do nosso ensino, em todos os seus níveis (...) a inclusão escolar não cabe em um paradigma tradicional de educação e, assim sendo, uma preparação do professor nessa direção requer um *design* diferente das propostas de profissionalização existentes e de uma formação em serviço que também muda (MANTOAN, 2003, p. 43)

A atuação didática da inclusão escolar deve envolver toda a escola, pois incluir não refere-se apenas à sala de aula; é um movimento que abraça toda a instituição, inclusive nos projetos pedagógicos. Esse movimento poderá prevenir que os alunos especiais sintam-se incapazes perante aos outros estudantes, pois observamos que:

A escola brasileira é marcada pelo fracasso e pela evasão de uma parte significativa dos seus alunos, que são marginalizados pelo insucesso, por privações constantes e pela baixa auto-estima resultante da exclusão escolar e da social (...); esses alunos são sobejamente conhecidos das escolas, pois repetem as suas séries várias vezes, são expulsos, evadem e ainda são rotulados como mal nascidos e com hábitos que fogem ao protótipo da educação formal. (MANTOAN, 2003, p. 18)

Esses estudantes por vezes abandonam a escola, pois acreditam não serem capazes de concluir os seus estudos. Com uma educação voltada para auxiliar aqueles que sentem-se marginalizados é possível uma educação transformadora, ampla, que possa trazer esperança e respeito a todos os alunos.

3. O papel do professor na educação inclusiva

Notoriamente a educação tem desempenhado um papel muito importante no âmbito da educação inclusiva, no entanto, também vem sendo desvalorizada constantemente, tendo em vista a falta de valorização no ensino público o que acarreta no papel do professor na sala de aula. Para Libâneo e Pimenta (1999, sp.) “O professor é um profissional que: ajuda o desenvolvimento pessoal/intersubjetivo do aluno; um facilitador do acesso do aluno ao conhecimento; um ser de cultura que domina de forma profunda sua área de especialidade e seus aportes para compreender o mundo [...]” É mediante o acesso a educação que as crianças e jovens constrói um futuro melhor, e o professor é a porta de entrada para viabilizar um processo de ensino e aprendizagem que respeita e valoriza as múltiplas deficiências que estes alunos podem apresentar. Diante disso, destacamos que a Pedagogia, e outros cursos de licenciaturas são primordiais para formação docente e dos saberes pedagógicos, tendo em vista que capacita o profissional, de modo que transfere uma vivência de conhecimento de vida, de mundo e de escola, os humanizando para o desenvolvimento de nova práxis no contexto da educação inclusiva, ao seja no ensino superior como no ensino básico.

Nota-se que quando nos referimos a etimologia da palavra inclusão, logo percebemos que trata-se de pessoas que apresentam uma certa dificuldade na aprendizagem, motora, cognitiva ou auditiva. E isso, às vezes assusta o professor, pois, muitos não tem uma formação adequada para lidar com alguma deficiência. Na atual conjuntura em que vivemos, torna-se primordial que o professor seja um elo entre o aprender e ensinar para estes estudantes, principalmente no ensino superior, para que evitem situações constrangedoras de “zombaria” e preconceitos.

Estes estudantes são seres humanos que pensam e agem no e com o mundo, independente da dificuldade que apresenta é capaz de realizar aquilo que lhe é cobrado, por isso não

devemos julgar que alguém não é capaz de fazer ou aprender algo só pelo fato de ser diferente. É com o apoio do professor que o aluno com deficiência e os demais presente na turma desenvolvem seus processos de ensino e aprendizagens de acordo com o que cada um é capaz de realizar. Entendemos então que: “A inclusão, o pertencimento e a formação do aluno como sujeito de direitos, constituem mais que propósitos e focos do processo pedagógico [...]” (RANGEL, 2015, p. 42).

A cada dia o professor é educado e aprende novas habilidades e competências isso forma o que chamamos de caráter pedagógico, e, é de suma importância que este educador esteja apto a trabalhar com pessoas com deficiências. Então, a formação continuada e a docência estão intrinsecamente interligadas e uma compõe a outra. Quando juntamos a formação continuada a nossa prática pedagógica a educação inclusiva envolvida nela, viabiliza o aprimoramento da didática, do planejamento, da avaliação, dos recursos metodológicos, entre outros que permitem o progresso deste aluno na aprendizagem, uma vez que “O caráter pedagógico da prática educativa se verifica como ação consciente, intencional e planejada no processo de formação humana.” (LIBÂNEO, 2013, p.24), E assim se constrói a educação: transformando a práxis pedagógica sob o olhar da formação continuada.

4. Metodologia

A pesquisa foi de natureza qualitativa e interpretativa, dado que se pode mudar a todo tempo, tem um raciocínio complexo, multifacetado e interativo, com estratégias de pesquisa variadas. (CRESWELL, 2007). Destarte, tomamos como linha de estudo a pesquisa de campo que Parra e Almeida (2002, p.102), descrevem que “[...] é a consulta por meio de questionário ou entrevista junto aos elementos envolvidos, que permite a análise e conclusões, segundo objetivos previamente estabelecidos. [...] Essa pesquisa tem como base observar os fatos como ocorrem.” A pesquisa de campo foi realizada com (03) professores da FE - (UnB), para analisar o desenvolvimento destes profissionais.

O instrumento para coleta de dado foi o questionário de perguntas abertas. Nesse quesito Cervo, Bervian e Silva (2007, p.53) definem que “[...] o questionário é a forma mais usada para coletar dados, pois possibilita medir com mais exatidão o que se deseja. Em geral, a palavra questionário refere-se a um meio de obter respostas às questões por uma fórmula que o próprio informante preenche.” O Questionário buscou compreender como o professor desenvolve o processo de aprendizagem junto aos alunos com deficiência, como incluí-los e fazê-los sentir-se parte do processo.

Como categoria central para o entendimento da importância da formação docente para atuar junto aos alunos com deficiência da Faculdade de Educação projetamos o perfil destes (3) professores da UnB, ao qual encontramos os seguintes resultados: (75%) dos professores que atuam na (FE) apresentam curso na área de Pedagogia; (75%) possuem mestrado e doutorado em educação; e, (100%) apresentam especialização em alguma área da educação;

Percebemos que a formação inicial se destaca por sua diversidade no campo acadêmico, sobretudo podemos ressaltar que o mestrado e o doutorado em educação se predominam, sendo caracterizado como um dos requisitos para ingressar como professor da Faculdade de Educação (FE) na UnB e nos questionamos será se este é um fator que influencia na formação dos futuros professores com necessidades especiais? Dado que Gâmbaro (2002) nos traz um alerta ao salientar que atualmente a prática docente está sendo recheada por profissionais despreparados tentando “driblar” seus medos e inseguranças vividos no âmbito da educação, como forma de não passar para os alunos com deficiência.

Diante da fala de Gâmbaro realizamos as seguintes indagações na pesquisa: **1) Possui cursos na área de Ensino Especial e Educação Inclusiva?** e **2) Ministrou aula para estudantes com**

necessidades especiais na Universidade de Brasília? Consideramos primordial que para o desenvolvimento de práticas pedagógicas junto aos alunos com alguma necessidade especial, faz-se necessário que haja uma formação adequada, de modo que o presente estudo demonstrou que sim professores da (FE) tem se empenhado bastante na oferta e na realização de sua formação na área de Educação Inclusiva ao alcançar o índice de 100%. Destarte, alicerçado a este currículo nos debruçamos em mergulhar na atuação destes profissionais junto aos alunos com deficiência no campus.

4.1. A Educação Inclusiva sob a ótica dos docentes da (FE)

A cada dia que passa a UnB vem crescendo no âmbito do ensino superior, de modo que, consideramos a relevância de conhecer **qual a percepção dos docentes da (FE) quanto a Educação Inclusiva?**

Professor A: Trata-se de um movimento que valoriza as diferenças e defende o direito de todos a educação. **Professor B:** Um paradigma que reconhece o direito de todas e todos pertencerem aos diferentes espaços de aprendizagem e desenvolvimento. **Professor C:** É uma educação voltada pra inserção escolar, atendendo-os nas suas especificidades, assegurando o acesso, a permanência e a participação de todos no processo. (Trecho do questionário, 2018, grifo nosso).

Iniciamos nossa análise com a fundamentação legal da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional 9.394 de 1996 que traz na letra da lei que o **“direito a todos a educação”** deve ser promulgada e colocada em prática em todo âmbito educacional. Nota-se nas respostas coletadas pelos professores da (FE) da UnB que há um empenho por partes dos docentes para valorizar o pertencimento que estes alunos com deficiência têm a uma educação de qualidade, portanto, a inserção é considerada o fator número um para que o acesso, a permanência e a participação não se torne obsoleta no ensino superior.

4.2. A atuação dos docentes junto aos alunos com necessidades especiais

Analizamos aqui nesta pesquisa que os professores da Faculdade de Educação da UnB, apresentam cursos de Educação Inclusiva, mas nos questionamos **como é na prática? Isto é como se dar a atuação dos docentes juntos aos alunos com necessidades especiais ou que apresentam algum transtorno de aprendizagem?**

Professor A: Promovendo qualidade nas diferentes menções. **Professor B:** O professor precisa estar atento às diferentes possibilidades de aprender e adequar sua metodologia de forma a dar condições de aprendizagem. Recursos específicos, repensar avaliação e atividades de grupo e individuais em sala. **Professor C:** Em primeiro lugar o professor precisa conhecer o aluno, está interado sobre sua deficiência ou transtorno e mapear as potencialidades dele para poder planejar as atividades, as estratégias, os métodos e a avaliação de forma a garantir seu acesso à educação, (Trecho do questionário, 2018, grifo nosso).

Para incluir um aluno com necessidades especiais, torna-se evidente que é preciso sim primeiro **conhecer**, este conhecer não nos referimos apenas ao aluno, mas também sobre as múltiplas deficiências, tendo em vista que, por meio deste conhecimento o professor consegue ter domínio para aplicar este saber na qualidade das diferentes menções que são utilizadas na UnB.

Está atendo as estas diferenças na sala de aula é muito importante, pois, é sabido que muitos alunos chegam ao ensino superior sem diagnóstico. A partir do momento que os professores do ensino superior trabalham isso, é possível traçar novas estratégias de ensino e aprendizagem como forma de aperfeiçoar e desenvolver as potencialidades destes estudantes.

4.3. A formação continuada como agente transformador na UnB

Para Fonseca (1995) há urgência na formação destes professores que estão ou vão atuar com alunos com necessidades especiais, tendo em vista que somente com esta preparação é que de fato alcançaremos o sucesso da educação inclusiva.

Assim, acreditamos que a formação para atuar na educação inclusiva do ensino superior deve começar sim na base inicial, no entanto, isto não é o suficiente, torna-se crucial **que haja uma formação continuada na vida deste educador**. Em detrimento a esse respeito podemos analisar qual a sua importância na (FE):

Professor A: A formação continuada é necessária para que o docente conheça as necessidades específicas dos alunos com diferentes tipos de deficiências. **Professor B:** Seria muito importante se tivéssemos espaços de formação continuada, na universidade. Considero extremamente importante para aumentarmos as chances de termos uma universidade, verdadeiramente, inclusiva e universal. **Professor C:** É imprescindível que o professor esteja preparado para trabalhar com os alunos especiais. O conhecimento a respeito dos tipos de deficiências e transtornos funcionais é de grande valia para os profissionais da educação. Só conhecendo as especificidades das deficiências o professor pode traçar um plano de trabalho que atenda as necessidades de cada aluno, (Trecho do questionário, 2018, grifo nosso).

Só podemos mudar aquilo que conhecemos, sendo assim acreditamos que o agente transformador da educação inclusiva no ensino superior seja a formação continuada. Sobretudo, percebemos na pesquisa não há até então, um espaço para que esta formação continuada aconteça na vida dos professores da Faculdade de Educação da UnB. O que fazer para mudar? Piccolo (2009) nos enfatiza que se faz necessário para a formação de professores atuantes hoje deter: 1) apropriação dialética acerca da concepção de deficiência; 2) processo formativo não só no âmbito da instituição, mas com todos os sujeitos envolvidos no processo; 3) desconstruir a norma padrão que vem impregnada na instituição; 4) criar o inter-relacionamento dialógico entre a educação especial e a educação ministrada nas instituições; e por fim, 5) A criação de um novo currículo que atenda a diversidade. Sem dúvidas estas bases criadas por Piccolo podem ser viabilizadas mediante seminários e fóruns que precisam ser criados para que a educação inclusiva se torne viva no campus, e para que a formação continuada seja viabilizada mediante um diálogo aberto para a construção de saberes que formam o pensamento crítico e reflexivo de um professor da FE.

5. Considerações finais

Chegamos ao final da pesquisa respondendo as indagações que suscitaram nossa pesquisa que foram: Qual o posicionamento do professor no ensino superior em relação aos alunos com deficiência? Nesse viés identificamos que os professores entrevistados da Faculdade de Educação da UnB, respeitam e reconhecem as diferenças em sala de aula, e assim conseguem atuar com um olhar mais criterioso, tornando a aprendizagem significativa, abarcando todos os alunos. Mas, para isso, foi preciso modificar o seu fazer pedagógico, promovendo atividades diferenciadas voltadas aos alunos que possuem dificuldades e especificidades.

No segundo questionamentos: como se dá o crescimento educacional na vida acadêmica destes estudantes na Faculdade de Educação da Universidade de Brasília? Percebemos que os alunos são acompanhados por um programa da faculdade que favorecem monitoria e tutoria para estes estudantes, e junto com a renovação da prática pedagógica dos docentes os alunos conseguem acompanhar todo o andamento do curso.

Acreditamos que inclusão é muito mais do que estar no mesmo espaço, trocar experiências e aprendizagem, e o professor desempenha um papel crucial neste cenário, um papel de diálogo, de inclusão, de desenvolvimento de habilidade, de preparação para o mercado de trabalho, de inclusão na sociedade, de fazê-los parte integrante de uma sociedade que ainda reluz a exclusão mesmo que em silêncio, desse modo compreendemos que para incluir é preciso transformar o seu fazer para que as portas da inclusão adentrem o ensino superior.

6. Referências Bibliográficas

CASTILHO, Ela W. V. de. **O papel da escola para a educação inclusiva.** In: **LIVIANU, R., coord. Justiça, cidadania e democracia (online).** Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisa Social, 2009, pp. 108-119. ISBN 978-85

CERVO, Amado Luiz; BERVIAN, Pedro Alcino; SILVA, Roberto. **Metodologia Científica.** 6 ed. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2007.

CRESWELL, Jonh W. **Projeto de Pesquisa: métodos qualitativos e misto.** 2 ed. Porto Alegre: Artmed, 2007.

FONSECA, V. **Educação Especial.** Porto Alegre: Artes médicas, 1995.

GÂMBARO, J. C. A capacitação de professores de classe inclusiva: efeitos sobre as atitudes frente ao aluno deficiente auditivo. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal de São Carlos, 2002.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa.** 4ª ed. São Paulo: Atlas, 2002.

LIBÂNEO, J. C. **Pedagogia e pedagogos para quê?** 12. ed. São Paulo, Cortez, 2010.

_____. **Didática.** 2º ed. São Paulo: Cortez, 2013. Capítulo 1,2, 9 e 10.

LIBÂNEO, José Carlos; PIMENTA, Selma Garrido. **Formação de Profissionais da educação: Visão crítica e perspectiva de mudança.** Campinas: Revista Educação e Sociedade, V. 20, nº 68, 1999.

MANTOAN, Maria Teresa E. **Inclusão escolar: O que é? Por quê? Como fazer?** São Paulo: Moderna, 2003.

PARRA, Domingos Filho; ALMEIDA, João Santos. **Metodologia Científica.** 5 ed. São Paulo: Futura, 2002.

PICCOLO, G. As bases do processo de formação docente voltado à inclusão. Revista Educação Especial, v. 22, n. 35, 2009

PLETSCH, Márcia Denise. **A formação de professores para a educação inclusiva: legislação, diretrizes políticas e resultados de pesquisas.** Educar, Curitiba, n. 33, p. 143-156, 2009. Editora UFPR